

VILÉM FLUSSER

"A vingança é minha" diz o Senhor e contribui, destarte, para a discussão que tem por assunto a cadeia de causa e efeito. Essa discussão está assumindo, atualmente, um caráter virulento. Trava-se ela nos terrenos da ciência, da filosofia e da teologia, e problematiza os próprios alicerces do edifício da civilização da qual participamos. A afirmativa do Senhor, citada acima, contra diz a afirmativa do sr. Heisenberg, a ser mencionada mais tarde neste artigo, e há toda uma serie de afirmativas intermediarias entre os dois extremos. No entanto, há uma tendência em toda essa discussão de fazer esquecer que os termos "causa" e "efeito" são reformulações dos termos originais "crime" e "vingança". A afirmativa feita pelo Senhor tende portanto a ser eliminada da discussão da causalidade. O propósito do presente artigo é re-enquadrar o Senhor no argumento que tem por tema a causalidade, e revelar assim o significado existencial dos problemas por ele levantados. As descobertas da física nuclear e da lógica formal que solapam a nossa fé na causalidade, não são algo teórico e distante que não nos diz respeito aqui e agora. São, pelo contrário, um desafio terrível que nos toca imediatamente. Solapam a nossa fé na vingança, da qual diz o Senhor que a possui, e em função da qual portanto viviam os nossos antepassados. Perdido o temor da vingança Divina, perde-se também esperança. É este o significado existencial da discussão atual que tem por tema a causalidade.

No seu livro "Holzwege" (aproximadamente: "Veredas perdidas"), dedica Heidegger um ensaio a uma sentença de Anaximandro, tida como a sentença mais antiga da literatura do Ocidente. Das brumas misteriosas da nossa origem, da ilha de Samos do século sete antes de Cristo, ressoa até nós a voz do oráculo obscuro dizendo: "De onde têm as coisas o seu surgir, para lá se dirige também o seu perecer, por necessidade: pois pagam-se mutuamente muitas e expiações por seus crimes, seguindo a ordem do tempo." A aura do espanto sacral que cerca a sentença de Anaximandro é semelhante àquela que se manifesta na frase bíblica citada. São, no entanto, duas revelações que se contradizem. A frase bíblica afirma ser o Senhor o princípio ordenador que vinga os crimes do mundo. A sentença de Anaximandro afirma que o mundo paga por seus crimes automaticamente. A Bíblia revela um mundo histórico que tende para o dia do julgamento, o dia da vingança Divina. Anaximandro revela um mundo circular no qual as coisas surgem por culpa de outras, e desaparecem para expiar sua própria culpa. Somos herdeiros das duas revelações, e vivemos em ambos mundos. A revelação bíblica devemos a nossa consciência da responsabilidade e da liberdade. A Anaximandro devemos a nossa visão científica do mundo.

Ambas as revelações são arcaicas, no sentido de superações da magia. Magia é a fé numa teia de crimes e vinganças, de causas e efeitos, que pode ser rompida por determinado comportamento humano. O mágico provoca determinados efeitos ao propiciar determinadas causas. Isto lhe possibilita cometer determinados crimes evitando as respectivas vinganças. A Bíblia supera a magia ao

VILÉM FLUSSER

deslocar a vingança para o transcendente inatingível. Anaximandro supera a magia ao automatizar a vingança. Mas ambos conservam vestígios da magia apenas superada: ambos vivenciam a teia da causa e do efeito, (aquilo que nós chamamos de "estrutura do mundo"), como ordem ética, como dever imposto ao mundo. As leis que regem o mundo e que a Bíblia chama de "vingança Divina", e que Anaximandro chama de "necessidade", são mandamentos. Essas leis não explicam como o mundo é, mas mandam como deve ser, não são sentenças indicativas, mas imperativas. A atitude diante das leis não é a do conhecimento, mas a da obediência: "emuná" (fé) no caso da Bíblia, "arete" (virtude) no caso de Anaximandro. É pela fé em Deus que o homem se enquadra na ordem do mundo, e é em virtude de outras coisas que as coisas surgem e desaparecem. A superação do clima arcaico que banha as duas revelações reside na progressiva des-etização da teia da causa e do efeito, e na progressiva re-estilização das leis de sentenças imperativas em sentenças indicativas.

Creio que o progresso do Ocidente pode, deste ponto de vista, ser resumido da seguinte forma: Parcelas sempre crescentes do mundo são arrancadas ao domínio da ordem ética, e submetidas ao domínio da ordem explicativa. Em parcelas sempre crescentes do mundo é substituído o termo "vingança" pelo termo "efeito". O discurso que trata do mundo consiste sempre mais de sentenças indicativas, e sempre menos de sentenças imperativas. Dizemos sempre mais frequentemente "pedras caem", em vez de dizermos "que caíam pedras!". Restringimos sempre mais o terreno do direito, e aumentamos sempre mais o terreno do certo. Substituímos progressivamente juizes por juízos. Mas é óbvio que este nosso progresso não é uniforme em todos os terrenos da realidade. A chamada "Natureza morta" já está praticamente subtraída ao domínio da ética, e está voltando para a Idade de Ouro, "quae vindice nullo" (quando não havia juizes). A vingança do vindex dela desapareceu. Mas no terreno da sociedade humana ainda prevalece o clima do direito. Apesar da sociologia, da economia e das ciências políticas ainda não conseguimos eliminar os juizes da sociedade. Com efeito, esta é a diferença entre natureza e sociedade: falamos da natureza em indicativos, e da sociedade em imperativos. O progresso do Ocidente é a transformação paulatina da sociedade em natureza, pela tradução das nossas sentenças de imperativas para indicativas. Para a Bíblia e para Anaximandro o mundo todo é sociedade, e o homem está ligado às pedras, às árvores e aos animais como nós estamos ligados aos outros homens. O ideal do Ocidente é o mundo todo como natureza, no qual o homem estará ligado aos outros homens como atualmente está ligado às pedras. Este ideal é a tradução derradeira do termo "vingança" pelo termo "efeito".

É verdade que a transformação progressiva do mundo de sociedade em natureza não passa de uma re-estilização do nosso discurso. Mas não é menos verdade que esta re-estilização transforma o clima existencial no qual nos encontramos. As leis que regem o mundo passam a serem vivenciadas sempre mais como

VILÉM FLUSSER

sentenças articuladas por nosso intelecto, e sempre menos como sentenças que nos vêm de fóra e que nos chamam para que obedecemos. Em outras palavras: a ordem que rege o mundo é vivenciada sempre mais como articulação nossa, e sempre menos como imposição externa. A estrutura do mundo, ao se revelar progressivamente como sendo linguística, passa a ser algo que o nosso intelecto projeta de si mesmo, e deixa de ser algo ao qual o nosso intelecto se adapta. O conhecimento deixa de ser uma adequação do intelecto à coisa, e passa a ser uma adequação da coisa ao intelecto. A transformação da sociedade em natureza é a transferência paulatina da estrutura do mundo da coisa para o intelecto. Este é, a meu ver, o cerne do antropologismo da atualidade: "A vingança é minha" diz o Homem.

Pois bem, neste ponto culminante da discussão que tem por assunto a cadeia causal, surge uma crise curiosa. Reformulemos o ponto culminante. A sentença bíblica acha-se traduzida para uma linguagem formal, na qual se torna óbvia a estrutura da ordem cósmica como sendo a estrutura da língua. A sentença de Anaximandro achase traduzida para uma linguagem matemática, na qual se torna óbvio que as coisas surgem e desaparecem em obediência a equações formuladas pelo intelecto. A contradição entre Bíblia e Anaximandro desapareceu. A ordem do mundo é transcendente, e nisto a Bíblia tem razão, porque essa ordem está no intelecto humano. E a ordem do mundo é automática, e nisto Anaximandro tem razão, porque essa ordem são as regras automáticas do pensamento exemplificadas por computadores. E ambas essas revelações foram superadas pelo progresso, já que despidas do seu clima ético e traduzidas para sentenças indicativas. Pois a crise que está surgindo põe em dúvidas próprias bases da Bíblia e de Anaximandro, porque põe em dúvida a ordem mesma. No fundo, Bíblia e Anaximandro concordam quanto a uma ordem básica, que é a "vingança". O progresso do Ocidente põe essa ordem em cheque. Exporei primeiro o aspecto anaximandrico do problema.

A ordem que Anaximandro estabelece na sua sentença pode assim ser formulada: Todo acontecimento é resultado previsível de outro acontecimento. Heisenberg provou que esta sentença não pode ser mantida no campo dos quântos. Os acontecimentos nesse campo não podem ser previstos, e isto não por falta de refinamento da técnica da observação, mas pelo caráter intrínseco da observação mesma. Se observo um acontecimento, altero a sua estrutura. Dizer, portanto, que esse acontecimento era previsível, é dizer algo despido de significado. A hipótese causal passa a ser uma hipótese insignificativa, e portanto inoperante, no campo dos quântos. E como esse campo representa a própria tessitura da natureza, passa a hipótese causal a ser uma mera articulação exclamatória de um desejo do intelecto. Passa a ser algo como isto: "Que todo efeito tenha causa!". As leis que regem a natureza passam a ser meras abreviações de acontecimentos cáticos resumidos estatisticamente de uma maneira deliberada. Como se vê, estamos voltando do indicativo para o imperativo, mas para um imperativo dentro do caos.

~~A vingança volta, mas~~

## VILÉM FLUSSER

A vingança está voltando, mas é agora a vingança do acaso.

Quanto à frase bíblica, ela pode assim ser formulada: Os acontecimentos no mundo formam uma ordem significativa, e seu significado é Deus. Em outras palavras: o mundo é um sistema significativo. Goedel provou formalmente o que é um sistema significativo. É um sistema de sentenças que têm por pontos de partida certos axiomas, e que resultam em sentenças das quais pelo menos uma não é reduzível a esses axiomas. Se elevarmos essa sentença a axioma, surge imediatamente outra não reduzível. Assim, todo sistema significativo é reduzível ao infinito, e é portanto absurdo. Ao dizer a Bíblia que o significado do mundo é Deus, diz ela, quando analisada formalmente, que o mundo é absurdo. A alternativa seria de dizer que o mundo é um sistema fechado sobre si mesmo, como parece querer sugerir Anaximandro. Neste caso provou Wittgenstein que todo sistema fechado é tautológico no seu fundamento e contraditório nas suas consequências, isto é: contradiz-se a si mesmo no seu horizonte, e no fundo não diz nada. Isto equivale a dizer que todo sistema não passa de um grito insignificativo de desespero diante do caos absurdo. A ordem na qual reina a vingança é uma ilha insignificativa no oceano da desordem. Assim se vinga a tradução da "vingança" por "efeito", e a tradução das sentenças imperativas por indicativas.

No momento do seu maior triunfo sofre o Ocidente a sua maior derrota. Libertou-se da vingança, e eis que ela se vinga. Reduziu a sociedade em natureza, e eis que a natureza se dissolve no nada. Superou o arcaísmo da Bíblia e de Anaximandro, e eis que essa superação se revelou mergulho. A espada chamejante da vingança Divina cai sobre a humanidade ocidental no momento mesmo da superação da vingança. E fecha-se um ciclo. "De onde tem o pensamento ocidental o seu surgir, para lá se dirige também o seu perecer, por necessidade: pois paga multa e expiação pelo seu crime, seguindo a ordem do tempo".

Esta é pois a conclusão deste raciocínio torturado: a cadeia do crime e da vingança que prende o homem e o obriga a viver e morrer, é também o fio que dá sentido à sua vida e à sua morte. Quebrada essa cadeia e rasgado o fio, mergulha o homem no abismo da falta de significado. A presente crise pode ser interpretada como perda de significado, mas também como retomada da busca de significado. A análise destruidora dos juízos que substituíram o Juiz, revelará talvez o Juiz atrás dos juízos. E neste clima que retoma significado a sentença arcaica "A vingança é minha".